Vol. I Sabbado, 29 de Outubro de 1869 N. 2

O TRABALHO ESCOLASTICO

JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO

REDIGIDO POR ALGUNS ESTUDANTES

O TRABALHO ESCOLASTICO

O benevolo acolhimento que encontrou a nossa pequena folha quer da parte da imprensa diaria desta capital, quer do lado do publico, não podia deixar de ser-nos muito lisongeiro e muito animadôr concitando-nos a continuar em nossa nobre e gloriosa tarefa. Si fôr bem succedida, como esperamos, orgulhar-nos-hemos de haver comprehendido os nossos deveres como jovens contemporaneos deste seculo em que a civilisação e a intelligencia humana, tem obtido esplendidos e assignalados triumphos por toda a parte, quer phisica, quer moralmente fallando.

Esse acolhimento, partindo do primeiro lado a que alludimos, isto é do *Correio Mercantil, Jornal do Commercio e Diario do Rio de Janeiro*, foi como o astro benefico que nos guiou pelas trévas até ao alvorecêr da vida. Agradecemos de todo o coração aos luzeiros da imprensa nacional a esperança que nos derão de um futuro melhor. Ao publico agradecemos, a indulgencia com que recebera o primeiro fructo de nossas locubrações; e, finalmente, aos nossos collegas redactores do *Esforço Juvenil*, a benevolencia e a delicadeza com que nos tratárão no nº 4 do seu Jornal.

Creião os nossos collegas, alumnos do Mosteiro de S. Bento, que havemos de corresponder sinceramente aos seus sentimentos de amiga confraternidade.

Aceitando de muito bom grado o offerecimento que nos fizerão, retribuimol-o de igual modo offerecendo-lhes tambem as columnas da nossa folha. Si é verdade que a união constitue a força que nos resta esperar sinão o concurso muito valioso de tão prestimosos amigos?

Da Redacção.

Origem da lingua portugueza.

SUA LITTERATURA.

Não temos intenção de entrar em uma larga discussão, em um exame profundo sobre a historia litteraria das diversas nações; mas sómente dar um breve esboço dos differentes periodos que tem percorrido a lingua portugueza desde sua origem até nossos dias, e dos principaes caracteres de sua litteratura.

Portugal, independente de Castella e de Leão pelo valor e politica de seus primeiros monarchas, procurou crear um idioma, que d'ahi em diante não fosse considerado como um dialecto da lingua castelhana. Antes d'esta época todos os actos publicos erão redigidos, segundo o uso adoptado na Europa, em um latim barbaro: a lingua popular era um máo hespanhol, misturado com termos arabes, que deu nascimento á lingua *romance*. Esta enriqueceu-se por sua vez de um grande numero de palavras estrangeiras, que os cruzados do Norte introduzirão não só em Portugal, como tambem nas colonias que o rei Affonso Henriques lhes permittio fundar depois da conquista de Lisboa. Com esses elementos, formou-se insensivelmente uma lingua rude e disforme, mas differente da que se fallava antes. E' provavel que o emprego a que erão obrigados a fazer do latim, concorreu muito para crear logo um idioma particular, derivado em grande parte d'esta lingua mãi, que se espalhara e era conservada na Lusitania na época em que foi invadida pelos Romanos.

Havia sómente decorrido seculo e meio depois da subida de Affonso Henriques ao throno, e já o povo de Portugal fallava e escrevia uma lingua que lhe era particular.

Posto que os progressos de uma lingua sejão mui lentos, comtudo causa espanto o

gráo de perfeição a que tinha chegado a portugueza nas obras do seculo do rei D. Duarte, que reinou em 1433. Assim desenvolveu-se pouco a pouco a lingua portugueza que tomou uma physionomia tão pronunciada sob o reinado de D Manoel, como o Italiano sob o de Leão X, o Hespanhol sob o de Carlos V e o Francez sob o de Luiz XIV.

Os reis D. Diniz, D. Duarte, D. Affonso V, D. João II, D. Manoel; os Infantes D. Henrique e D. Pedro e a Infanta D. Maria filha de D. Manoel, forão protectores e cultivadores das letras. E' facil de conceber-se que, tendo as letras um acolhimento tão lisonjeador perto do throno, devião florecer em todas as classes da sociedade. Aquelles que, entregues ás armas não tinhão tempo de render homenagem ás Musas, associavão-se com aquelles que lhes rendião um culto assiduo, e no meio d'este commercio litterario, tinhão de alguma parte em sua gloria. Erão estes homens unidos por laços de uma verdadeira amizade, tinhão relações intimas com os grandes do reino que não desprezavão a litteratura, e seu numero era consideravel.

Era esta a situação das letras, quando D. João III, filho de D. Manoel, subio ao throno em 1521. Este principe as animou e cultivou-as. O unico erro, talvez involuntario de que póde ser censurado, no seu reinado, é a introducção da Inquisição e dos Jesuitas em Portugal. Temendo a apparição de uma nova doctrina de Luthero em seus estados tomou os conselhos do Bispo Osorio, e consentio que um Tribunal Supremo fosse estabelecido, para reprimir os correligionarios d'essa nova doctrina imaginaria.

Desde esse tempo as letras soffrêrão uma incrivel decadencia, essa decadencia proveio da introducção desses dous *vermes roedores*. O cardeal Henrique, que depois subio ao throno, foi o instrumento do dominio tyrannico que os Jesuitas estabelecêrão para conter o povo, e preparar Portugal para receber o jugo da côrte de Roma, e de Phelippe II. Tinhão por protector o *Tribunal Supremo*, que prohibia escrever, e quasi que pensar tambem, e comprimia os espiritos pelo terror. Os escriptores que tiverão a coragem de luctar contra os esforços reunidos do despotismo jesuitico e ignorante pagárão com suas vidas sua intrepida dedicação. Não era de espantar que as letras e as sciencias soffressem n'esta época um eclipse total, e que, até á elevação da casa de Bragança, não houvessem senão mui poucos escriptores. Quando concluio-se a revolução de 1640 o povo e os litteratos lisonjeavão-se já de verem florecer uma ordem de cousas que lhes parecião felizes. Fizerão-se alguns esforços para renovar o gosto das letras: mas forão infructiferos; ahi estavão os jesuitas para paralysar as louvaveis intenções do Governo.

F

(Continúa).

Os tempos da ignorancia e importantes invenções.

(Continuação do nº 2.)

Escasso me foi o tempo á fallar-vos das abbadias, e mosteiros da Europa, ao passo que elles merecem ser mencionados. Julgo que os paizes teem sempre sido abundados por homens que, ausentando-se dos afazeres mundanos, encerrão-se e entregão-se a contemplações religiosas. Isto teve lugar na Asia entre os adoradores de Brama, Fo, Lama e Mahomet; pois assim succedeo com as idolatras do antigo Egypto, Grecia e Roma, e tambem entre os antigos judeos e crentes do Christianismo desde os tempos os mais posteriores. O 1º mosteiro que edificou-se no alto Egypto foi pelo eremita S. Antonio em 305 da era christã, e continha algumas choupanas, nas quaes habitavão outros eremitas propensos á penitencia e á oração; e um outro mosteiro foi fundado em França por S. Martinho, e d'ahi para cá multiplicarão-se taes cousas e tomárão posse de tudo que se dizia paizes catholicos, tendo grande acceitação desde o VIII até o XV seculo, e elevando-se para este mesmo fim, magnificos edificios. A' alguns d'estes dava-se o nome d'abbadias e á outros de mosteiros e em grande parte d'elles existião muitos monges e frades, assim como tambem houve outros de freiras; na Inglaterra, na França, na Germania e em outras partes da Europa, ainda se vê mui brilhantes restos d'estes edificios. Nos primeiros tempos os que occupavão os mosteiros vivião com simplicidade, e entregavão-se a contemplações religiosas, mas ao depois, n'estes se achava a morada dos voluptuosos, e a sua entrada era unicamente

concedida aos monges e freiras, julgando-se estarem occupados com os deveras religiosos, quando muito pelo contrario succedia; porque, frequentemente, ausentes das vistas do mundo, existião engolfados nos prazeres os mais luxuriosos, comquanto depois de marcharem estas instituições com tanta indignidade, ainda os Papas as favorecião; pois que quando as erupções da religião christã no seculo XVI trouxerão a reforma, foi que estas manasticas instituições começárão a declinar. Finalmente na Inglaterra em 1593, e na França em 1790, abolirão-se, e o mesmo aconteceo na Europa, onde tem cessado de existir, ainda continuando na Italia e na Hespanha. N'estes tempos em que tudo erão trévas, em que tudo reinava debaixo da ignorancia, as guerras erão feitas sem mosquetes, nem canhões: pelo contrario os Gregos e Romanos munião-se de lanças, e machadinhas, trazendo comsigo escudos para defenderem-se, e por esta maneira é que tambem as tropas do Egypto, Carthago e Persia armarão-se; porém, no anno 1330 foi a polvora inventada, e foi quando tambem se começou a fazer uso dos canhões, e os primeiros forão os Inglezes que d'elles lançárão mão na batalha de Cressy em 1346, na qual quatro peças, apresentadas pelo rei Eduardo, muito ajudarão a que cantasse victoria. D'ahi para cá as armas de fogo forão introduzidas progressivamente e então a existente maneira de se pelejar, foi completamente mudada: arcos, flexas, lanças, escudos, submergirão-se no esquecimento, e os combatentes aprendêrão a arcabusarem-se em mutua distancia. Entre estas invenções que tiverão lugar foi a bussola bella invenção, pela qualidade que tem d'estar sempre voltada para o polo do norte: esta que como muito util habilita os navegantes a atravessarem o não trilhavel Oceano, e d'ella fez-se uso no anno de 118; ainda de dobrada importancia foi a imprensa que teve lugar em 1441, pois antecedentemente erão os livros escriptos pela vagorosa penna. Na verdade leitores a meu pensar, e por todos approvado é que hoje estamos no seculo das luzes em que tudo primo — sabedoria.

J. C. Moraes.

A Velhice.

Quanto meu coração fica commovido, quando meu bom e veneravel pai senta-se para me dar os conselhos inspirados por seu *amor paterno*, e fundamentados na sua longa experiencia deste miseravel mundo, oh! nesses momentos eu o considero um ente inspirado, porque seu talhe toma um não sei que de magestoso, e seu rosto, ornado pelas cãas da velhice, um não sei que de divino, que me enleva e me torna cada vez mais respeitoso para com sua pessoa.

Não é n'esta occasião só o *amor filial*, que me faz experimentar taes sensações; porém tambem o respeito que eu consagro á velhice em geral. Sim, um velho deve ser respeitado como um substituto de Deos neste mundo: Não é respeitado e venerado aquelle que possue *honras, dinheiro* e *brazões?* então como não o será aquelle que possue um thesouro tão rico e tão util como seja a experiencia?

Não respeitava-se e ouvia-se os conselhos da velhice nos *seculos das trévas?* E até Socrates marchando para o sacrificio, apupado pelos jovens de sua época, pedia aos magistrados que o acompanhavão ao supplicio que ensinassem á mocidade a respeitar a velhice; porém hoje é differente, estamos no *seculo das luzes*, e o *archote do progresso*, tem mostrado que se póde escarnecer da velhice e confundir seus conselhos com uma fumaça do *habana!*... Santo Deos! onde iremos nós com tanto *progresso* e tanta falta de virtudes? Todos fallão na moral e ninguem a sabe praticar; todos se gabão de civilisados e são peiores que os barbaros; sim, peiores do que elles, porque elles respeitão a velhice e nós escarnecemos d'ella. Ouçamos o que diz Lacépêdes:

« O velho é um Deos consolador deixado no meio de seus filhos para ahi ser uma imagem viva do Deos que elles adorão, para lhes transmittir suas bençãos, para lhes ajudar por meio de seus conselhos, para os proteger pelo soccorro de suas animações e de sua ternura tocante, logo que elle recebe de seu amor e de seu reconhecimento todos os soccorros que seus males podem reclamar. E qual será o coração que não ficará despedaçado de dôr, o

velho augusto e respeitavel fôr obrigado a curvar sua cabeça sobre o peso da miseria ou sobre o do infortunio. *(Continúa.)*

Augusto Justino de Mattos.

O amôr paternal.

Si ha um objecto no mundo que mereça ser contemplado, olhado e querido como uma reliquia santa, é por certo um bom pai. Amigo sincero e dedicado, elle guia os nossos primeiros passos nos caminhos da vida: pela educação prepara-nos o futuro e habilita-nos perante a sociedade.

Feliz o filho que utilisa os seus bons conselhos, nunca os azares do infortunio far-lhe-hão curvar a cabeça: marchará tranquillo em sua carreira de placidas esperanças: porque, digamos com o nosso coração, um bom pai é um semi-Deos sobre a terra em relação á sua prôle.

A historia nos offerece um bello exemplo desta verdade: Carlos V conversava um dia com um dos seus camaristas e lhe fazia sensivel uma má acção de seu filho: o fidalgo julgou-se por isso offendido no mais intimo do seu pundonôr e despindo a farda bordada a lançou aos pés do Rei, dizendo-lhe: « Vossa Magestade me ha contemplado em muito, mas, neste instante, esquece-se de que falla com um pai. » A dureza da expressão fez écho no coração do rei, que para logo comprehendeu a influencia, sinão o poderio do sentimento paternal; e então não se desdenhou de pedir perdão ao subdito offendido.

Tudo se póde perder e tudo se ha de perder neste mundo: por força o coração resigna-se á dôr: mas si ha neste mundo vivo uma dôr de morte é inquestionavelmente aquella que traduz o passamento do autor de nossos dias.

F. J. Sepulveda Figueiredo.

Systema feudal.

E' esta certamente uma materia que nos apresenta bastantes difficuldades, que comtudo pretendemos vencer, dando assim ao leitor uma breve noção, pois que, como sabeis, é util e devemos todos ter conhecimentos das mais importantes épocas da historia, e dos principaes factos que n'ella tiverão lugar.

Gastavão o seu tempo, parece-me que o sabeis, as nações, ou antes hordas de barbaros na guerra e na caça, no que erão mui habeis, para o que tinhão bastante terreno, habitando elles immensas florestas, aonde fazião os seus sacrificios. Tinhão estas tribus os seus chefes, que erão os que mais valentes se fazião; este os levava a fazerem a guerra á outras nações, e as terras, riquezas, etc., que tomavão dividião entre os seus, tocando maior quinhão aos chefes, menor ao seu immediato e assim successivamente, ficando aquelles que o recebião sujeitos, como por uma especie de juramento, ao que dava, e, sempre que se tornava urgente, erão obrigados a pegar nas armas em defesa delles. Eis o principio da Feudalidade, de que acabo de fallar. Foi ella indo progressivamente de seculo em seculo até que esteve no seu maior auge desde o X ao XIII seculo; porém d'esta época em diante foi diminuindo o seu poder, até que cahio nos abysmos do esquecimento, porque Carlos o Calvo, que então reinava em França, os demais reis, a nobreza, etc., prohibirão que senhores de feudos levantassem castellos, que comtudo se tornavão necessarios, por causa da invasão dos Normandos; que fizessem a guerra á seu bel-prazer, que impozessem tributos e outras cousas em que consistia o seu poder.

A França, foi o logar do mundo o mais impestado por estes senhores, por cuja causa teve ella de sustentar muitas guerras com os Normandos.

Os senhores de feudos podião promulgar leis, cunhar moeda, e gozavão de todos os direitos de regalia: hontem um poderoso barão faz guerra á um mais fraco e lhe toma as suas terras, bens, etc.; amanhã vinha um outro ainda mais poderoso e lhe fazia o mesmo, de sorte que elles para prevenir isso fazião reforçados castellos, que ainda hoje se encontrão, para sua defeza e dos seus subditos: estes para alcançarem a protecção d'um barão lhes prestavão um juramento como havião de ser-lhes fieis. Havia mais de uma formula nestes juramentos, das quaes a que tornava o senhor mais ligado ao vassalo chamava-se Legia, que o vassalo prestava sem a sua espada e de joelho, á maneira dos Persas quando fallavão ao seu rei, cha-

mavão elles esta maneira de saudação prosquinezia; havia uma outra em que o vassalo ficava em pé, limitando-se sómente a responder no fim da formula que o chanceller dictava — Sim. O vassalo era obrigado a apresentar-se perante os seus juizes quando accusado, e o senhor lhe impunha o castigo segundo o crime. Quando o crime era mui grande o senhor impunha castigos corporaes e até mesmo a morte. Havião outros crimes de inferior categoria, pelos quaes o senhor multava sómente o vassalo, etc.

Não se póde comtudo negar que a feudalidade foi para a Europa util e de salvação no x seculo, quando os barbaros a ameaçavão de invasão; então não prohibirão que se levantassem castellos, porque se não fossem elles a Europa inteira teria sido a preza dos barbaros, e teria cahido debaixo das suas garras, de sorte que talvez ainda hoje estivesse nos seculos da ignorancia.

Menezes.

A Morte.

O segador decota a flôr mais mimosa do seu jardim, com receio de que nas tempestades em que se engolfa a faça perder sem proveito; da mesma sorte o Rei do Universo arranca a innocente alma da larva que a persegue para tiral-a do peregrinar da vida, e levar sua alma a nadar n'um mar procelloso de prazeres, e mimoscar com ella a celestial morada do céo.

Quando a flôr abre suas lindas petalas e nos vai embriagando com seu perfume e espalhando sua fragrancia em torno dos espinhos e abrolhos que a cercão (*), é quando lhe apparece o vergado cutélo do seifador (**) e descarregando sobre ella golpe mortal a faz cahir mollemente de sua tenra haste; mas não julgueis que terá o fim de ser calcada debaixo dos que a machucão; porém, sim, é pregada n'um lindo ramalhete, para apresentar-se com mais realidade diante d'aquelles que querem ver o matiz de suas côres. Ainda estas vantagens não igualão os perfeitos gosos d'alma candida, sem contradicção das leis do Ente Supremo, o qual faz eternamente apparecer os dons e premios divinos d'esta. E se lastimamos a perda fatal de tão amavel prenda, no fim conheceremos as palmas que na mansão dos justos forão receber.

E duvidarmos da lingoagem d'aquelle pelo qual nós vivemos e nos movemos, seria querermos duvidar do cabimento que tem para aquelles que o merecem.

Quando nos futuros lisongeiros de gloria embala-se a pessoa que amamos, e nos é arrancada, lastimamos como se perdessemos uma perola com a qual nos entretiamos; mas não deveis prantear, porque se a perdemos mais cedo vai ella ganhar mais depressa os triumphos com que por suas acções meritorias deve ser premiada. E se não podemos penetrar n'esse insondavel mysterio o deixaremos, porque mais tarde vos será explicado com mais facilidade.

Submetto a consideração de meus leitores este meu pensamento, demandando desde já o perdão dos erros que nelle encontrarem.

T. C. Rabello.

(*) Os espinhos e abrolhos que cercão a flôr, é o vicio e a libertinagem que cerca a alma pura.

(**) O vergado cutélo do seifader que decota a flôr é a desgrenhada mão da morte.

ROMANCE

OS EFFEITOS DO AMOR

POR

J. C. DE MORAES.

Parte primeira

Seria uma hora, bello era o luar e fresca a noite, e arejada pela briza mais diliciosa tornava-se para aquelles que deixando as suas habitações ião gosar d'estas horas tão suaves, que nos parece fugirem, quando repentinamente esta brisa, que á pouco era meiga, transformava-se em terrivel vendaval, que açoutando com furor as arvores e os elevados cumes, tornava-se distincto por toda a parte pelo rijo que o guiava, e o céo accumulando nuvens sobre nuvens apresentava uma terrivel borrasca, e pouco tardou que este mesmo não desprendesse o pezo que tinha sobre si. Eis que já cahe com desembaraço a chuva, e expostos a estes perigos ião dous jovens montados em bellos ginetes, o que distinguia-se por um

relampago sobresahido entre todos os outros, e n'elles via-se mocidade e afouteza pela maneira com que caminhavão n'aquella perigosa senda, pois muito facilmente poderião desprender sobre elles os morros que os rodeavão, arruinados pela muita chuva e vento, do que elles agora poderião ser victimas se não apressassem o passo e voltassem por um outro caminho á direita d'aquelle que elles deixavão. Apenas tomarão a nova direcção a chuva e o vento agitarão-se com violencia, e aquellas elevadas massas que a pouco elles virão nos seus elevados thronos forão derribados por terra e tornados o ludibrio d'agua que corria; nisto um d'elles rompêo o silencio em que ião submergidos, dizendo :

— Que gracinha, Alberto, se não me viesse esta lembrança, por certo estariamos envolvidos na fria terra sem que fossemos defuntos.

— Sim, Ricardo, disse Alberto a nossa lembrança foi justa como tambem é justo que apressemos o passo dos nossos cavallos, pois que a chuva torna-se copiosa e o vento ameaçador d'alguma desgraça : não vês aquelle elevado cumulo de pedras e aquella gruta de rustica apparencia pelas arvores que a adornão ? n'este caso vamos a puchar pelos nossos cavallos para d'aqui a pouco lá chegarmos, e então descançaremos das fadigas nossas.

— Tenho ouvido contar-se cousas maravilhosas a respeito d'aquella gruta, entre outras: que todos aquelles que della s'approximão, ou por um assalto, ou pelo silencio abysmador que d'elles s'apossa, morrem e ficão para sempre sepultados n'aquellas profundidades sem que possão ser descobertos por pessoa alguma.

— Quem tal cousa vos disse parece-me que estava louco, demais quando assim fosse nós nos saberiamos defender.

— Comtudo isto, Alberto, estou com o meu receio, já prefiro ficar ao relento da chuva do que approximar-me de lá.

— Aposto, disse o companheiro de Ricardo, que se roubassem Amalia e para aqui a trouxessem, sem mais algum instante de hesitação entrarias e então nada temerias. Pois o que guiava Ricardo a taes viagens era o amôr, este mesmo talvez a causa da sua desgraça, este mesmo talvez baldado : Quem sabe !... veremos ; e o que prendia Alberto a Ricardo : a *amisade*, visto que seja este um dom cahido do céo nos puros corações, o movia a tudo suportar ainda mesmo á risco da propria vida em que se achava Alberto.

— Este caso é mui diverso, disse Ricardo, e quando isto succedesse me atreveria, de espada na mão, a ahi entrar e disputar aquella por quem dou a vida.

— Olha, Ricardo, dissestes que se te roubassem Amalia aqui entrarias a disputal-a, e se por acaso o mesmo fizessem comigo o que farias ? Ricardo com estas simples perguntas, ficou perturbado, e pelo clarão d'um relampago Alberto ainda poude divisar no seu semblante a inquietação ; por fim respondeu-lhe : — Que o mesmo faria.

— Pois então, disse Alberto, estamos no mesmo caso, porque se sozinho entrar ficarei em risco de vida, e isto será remediado logo que vós fordes á meu lado.

— Alberto, quando o meu coração luta frequentemente com palpites alguma desgraça está para succeder, e parece-me que esta será hoje, pois, queres que entre, entrarei, exporei a minha vida á amizade que te consagro.

Dito isto os dois se encaminharão para uma escada que dava entrada á gruta, e Ricardo sempre receioso não se importava com a chuva, porém sim com o risco que corria, o qual Alberto ignorava. Por fim, estando já na entrada da gruta, Alberto assim disse (com ar de chasco) ao seu companheiro :

— É necessario que entremos com todo o cuidado para não sermos atacados e percebidos pelos vultos que dizes ahi ha.

Emquanto assim fallava, como fosse a gruta collocada em um lugar ouco, correspondia ás suas palavras, de maneira que isto tornava-se mais um instrumento de receio para Ricardo, porque aos homens medrosos tudo parece realidade ; realidade ou não, o certo é que Alberto, o animoso, o destemido, este que tantas vezes disputara o temor, achava-se agora d'elle possuido por ter ouvido ao longe algum rumor, e incontinente voltou-se para Ricardo como quem dizia (não em alta voz) :

— Participo do teu receio.

Mas d'ahi a alguns instantes tudo tornou ao estado natural, e reinava o mais profundo silencio: foi quando Alberto n'este curto espaço pensou em ir com seu amigo por um passo de curiosidade examinar aquella mysteriosa gruta, e convidou-o para isto.

Ricardo, a quem o temor muito acabrunhara, estava completamente mudado, por não ter durante aquelle curto espaço apparecido nada e demais animado pelo seu amigo tornou-se afouto, e assim disse:

— E' necessario que fique um guardando os cavallos pois os ladrões abundão de todas as partes, e quando eu a tiver corrido, então irás e eu exercerei o teu cargo.

Mal acabava estas palavras que Ricardo desembainhou a sua espada e tomou a direcção d'um corredor que dava para o interior da gruta, e profundou-se por entre aquellas trévas; mas ah! d'ahi a alguns instantes Alberto ouvio um surdo ruido de espadas e vozes, entre estas Alberto reconheceu a voz de Ricardo, a isto elle ficou estupefacto, e dizia:

— Para ir salvar a Ricardo arrisco a minha vida n'um lugar desconhecido, e se não for em salvação d'aquelle que o meu coração une, será uma ingratidão! será uma indignidade!... meu Deus, o que será de mim? o ruido aproxima-se: a voz de Ricardo mal se ouve, sem duvida já está ferido... ah!...

D'ahi a instantes jazia Alberto victima d'um desmaio n'aquelles lugares desconhecidos, e seu amigo lutando com homens que abusando do dom da existencia que lhe é dada, tornavão-se infames. Emquanto Alberto ficava desmaiado n'um lugar occulto da gruta, a contenda torna-se mais rija, e no momento em que findava-se junto do lugar em que estava Alberto desmaiado, os salteadores depois de o terem roubado e esfaqueado, tornarão á sua morada terrivel, foi tambem quando Alberto deu accordo de si. Ricardo ferido pelos covardes homens achava-se nas portas da morte tendo no peito quatro feridas bastante profundas: Qual não foi o terror de Alberto ao ver esta triste scena! então um grito tão agudo partio dos seus labios que foi ferir os ouvidos dos salteadores, que immediatamente voltarão a atacal-o, porém Alberto mais veloz que um raio lançou fóra da gruta o inanimado corpo de Ricardo, e atirando-se no melhor ginete partio.

Para onde iria elle? nós logo o saberemos.

(Continúa.)

POESIA

Um sonho no bosque.

Em certa manhã d'estio,
Quando tudo socegado,
A fronte pousei nos braços,
Pensando no meu passado.

Então o doce Morphêo
Extensas azas abrio,
E mais veloz que um raio
Meu pensamento cobrio.

Logo um sonho visionario
Se apossou dos meus sentidos,
E esquecido d'este mundo
Veio-me os sonhos queridos.

Julgava ter á meu lado
Aquella que muito amava;
Mas, nada achei dispertando,
Só uma ave que trinava.

Quando a travessa avezinha
Para uma arvore pulou;
E já farta do seu canto,
Abrindo as azas vôou:

Eu desgostoso do sonho,
Logo meu canto soltei,
Era triste como o canto
D'avezinha que escutei.

Era tão triste e tão suave,
Como a briza no soprar,
Como a tarde de verão,
Como o mar a soluçar.

Rio de Janeiro, 1860.

J. C. Moraes.

Não sabes?

Não sabes porque ás vezes da minha alma
Foge a vida,
Foge a calma,
E do rosto foge a côr?
É porque almejo, querida,
Possuir o teu amôr!

Não sabes porque as vezes minha fronte
Como o lirio
Junto á fonte,
Pende palida pr'o chão?
E' porque tenho um martyrio
No fundo do coração!

Não sabes porque a lagrima sentida
Corre ás vezes
Embebida
Na face em triste pallôr?
É porque soffro os revezes
Que me dá o teu amôr!

Não sabes porque scismo e penso tanto?
Porque sonho,
Porque o pranto
Corre ao fogo da paixão?
É porque vive tristonho,
Sem-amôr meu coração?

Já sabes porque soffro: Dá-me a calma,
Dá-me a vida
Que a minha alma
Almeja com tanto ardôr...
O' dá-me virgem querida
O teu santo e puro amôr!...

Rio, 10 de Outubro de 1860.

Almeida Cunha.

Quanto é bello!

Nas tardes da primavera
Oh! quanto é bello um jardim,
Quando a rosa'inda em botão
Mescla o perfume ao jasmim.

Quanto é bello em céo sereno
Linda estrellinha a brilhar,
Quanto é bello em lindo prado
Linda flôr desabrochar.

Oh! quanto é bello uma fonte
Quando está tão crystallina,
Como a pureza do céo,
Como a rosa da campina.

Oh! quanto é bello a manhã
Quando a flôr aind'orvalhada
Vai espalhando a fragrancia
Pela campina esmaltada!

Quanto é bello o horisonte
Quando surge a madrugada,
Saúda cantando a rôla
A natureza encantada.

Oh! quanto é bello o vibrar
N'harpa canção amorosa!
Oh! quanto é bello no prado
Ostentar-se a flôr mimosa!

Vagueia qual pensamento
O melindroso beija-flôr:
Oh! quanto é bella a natura
A sorrir, pedindo amôr!

Rio, Outubro de 1860.

T. C. Rabello.

A decifração da charada do numero antecedente é *Gallinha*. —Ella tem tres syllabas em vez de duas, como por engano sahio.

Typ. POPULAR—Rua dos Latoeiros n. 34.